



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB**

JARLEIDE DE BARROS GOMES

**DIFICULDADES NA LEITURA E ESCRITA:
Um desafio às práticas educacionais contemporâneas**

**JOÃO PESSOA
2015**

JARLEIDE DE BARROS GOMES

**DIFICULDADES NA LEITURA E ESCRITA:
Um desafio às práticas educacionais contemporâneas**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) submetido à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em parceria com o PARFOR, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Pedagoga.

Orientador: Prof. Ms. Wallene de Oliveira Cavalcante.

JOÃO PESSOA

2015

G633d Gomes, Jarleide de Barros
Dificuldades na leitura e escrita [manuscrito] : um desafio às
práticas contemporâneas / Jarleide de Barros Gomes. - 2015.
44 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em PRIMEIRA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DO PARFOR EAD) -
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio,
Técnico e Educação à Distância, 2015.
"Orientação: Prof. Ms. Wallene de Oliveira Cavalcante,
PROEAD".

1. Escrita. 2. Leitura. 3. Letramento. I. Título.

21. ed. CDD 372.6

JARLEIDE DE BARROS GOMES

DIFICULDADES NA LEITURA E ESCRITA:

Um desafio às práticas educacionais contemporâneas

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) submetido à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em parceria com o PARFOR, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Pedagoga.

Data de Apresentação: 01/08/2015.

Nota: 10,0

BANCA EXAMINADORA

Wallene de Oliveira Cavalcante

Orientador: Prof. Me. Wallene de Oliveira Cavalcante - UEPB

Regina Cely N. da Silva

Profa. Ma. Regina Cely Nogueira da Silva - UEPB

Naiany de Souza Carneiro

Profa. Ma. Naiany de Souza Carneiro - UEPB

AGRADECIMENTOS

Várias são as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradecemos inicialmente a Deus, por estar sempre presente nos momentos mais difíceis, nos transmitindo coragem para que pudéssemos enfrentar cada obstáculo que apareceu no decorrer deste trabalho.

Aos meus pais, marido e filho, enfim, à minha família, por ser a base de tudo que sou e pelo incentivo e apoio que me deram nos momentos difíceis desse trajeto da vida.

Ao meu orientador Prof. Ms. Wallene de Oliveira Cavalcante, por ter me transmitido um pouco do seu conhecimento em cada encontro que tínhamos.

Aos professores do curso de Pedagogia, que durante todo o trajeto compartilharam o conhecimento conosco e nos incentivaram com a integração entre os professores e as disciplinas aplicadas em sala.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por nos tornar profissionais capazes de enfrentar os desafios educacionais que aparecem nas nossas vidas.

À diretora, professores, pais e alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor José Vaz, por todas as informações cedidas para que este trabalho pudesse ser realizado.

Meu muito obrigada a todos.

"Ai de nós, educadores, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis. Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma nas águas da cultura e da sua história, da cultura e da história de seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles, mais do adivinham, realizam."

(Paulo Freire)

RESUMO

No atual contexto da educação brasileira, observa-se que a evasão e a repetência constituem-se num grande obstáculo às práticas pedagógicas. A partir desses pressupostos, este trabalho tem como objetivo analisar as dificuldades de leitura e escrita como fenômeno pedagógico intervindo com propostas inovadoras visando chegar ao nível de leitura e escrita almejada pela escola que é a Escola Municipal Padre Pires Ferreira, que tem como foco central o aluno como sujeito atuante no processo de construção do conhecimento. Com esta intenção busquei subsídios em autores que tratam sobre o tema. A metodologia pautou-se pela abordagem qualitativa tendo como instrumento coleta de dados e entrevista; nela o aluno é sujeito no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, e o professor, o mediador da aprendizagem do aluno. Todas as atividades contemplam os diferentes componentes curriculares, oportunizando aos educandos o desenvolvimento de competências e habilidades básicas para o exercício da cidadania e a formação de um leitor crítico. Os resultados apontam para uma melhoria no desenvolvimento das competências para o domínio da leitura e da escrita numa perspectiva de letramento.

Palavras-chave: Escrita. Leitura. Letramento.

ABSTRACT

In the current context of Brazilian education, it is observed that the dropout and repetition constitute a major obstacle to teaching practices. From these assumptions, this work aims to analyze the difficulties of reading and writing as a pedagogical phenomenon intervening with innovative proposals to reach the level of reading and writing desired by the school that is the Municipal School Padre Pires Ferreira. That has as its central focus the student as acting subject in the knowledge construction process. With this intention sought subsidies for authors that deal with the subject. The methodology was characterized by qualitative approach having as instrument data collection and interview, it is the student subject in the teaching and learning of reading and writing, and the teacher facilitator of student learning. All activities include the different curriculum components, providing opportunities for students to develop knowledge and basic skills for citizenship and the formation of a critical reader. The results point to an improvement in skills development for the field of reading and writing a literacy perspective.

Keyword: Reading. Writing. Literacy.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 09 |
| 2 | ESCOLA MUNICIPAL PADRE PIRES FERREIRA | 11 |
| 2.1 | Clientela | 11 |
| 2.2 | Procedimentos da pesquisa | 12 |
| 2.3 | Análise das respostas | 13 |
| 2.4 | Respostas da educadora | 14 |
| 2.5 | Respostas dos educandos | 15 |
| 2.6 | Respostas dos pais | 16 |
| 3 | O PROCESSO HISTÓRICO – SOCIAL DA LEITURA E ESCRITA | 18 |
| 3.1 | Algumas reflexões sobre letramento | 20 |
| 3.2 | A família e os desafios ao longo do tempo | 22 |
| 3.3 | Como aprendemos e ensinamos | 24 |
| 3.4 | A escola e os desafios educacionais dos nossos dias | 26 |
| 4 | MEIOS QUE FACILITAM A LEITURA E A ESCRITA | 30 |
| 4.1 | O uso social da língua | 30 |
| 4.2 | Escola e família: uma união que pode dar certo para formar cidadãos letrados | 31 |
| 4.3 | Possibilidade de ação de acordo com a realidade escolar | 32 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 36 |
| | REFERÊNCIAS | 38 |
| | APÊNDICES | 41 |
| | ANEXO | 44 |

1 INTRODUÇÃO

A busca por um modelo de educação que minimize ou, se possível, acabe com o problema do analfabetismo no Brasil, tem feito com que, ao longo da história, a educação passe por mudanças de concepções paradigmáticas, que ora beneficiam, ora prejudicam esse processo educacional. Talvez seja por esse motivo que ainda haja tantos problemas no sistema de ensino. Entre tantos estão as mudanças que ocorrem dentro e fora do sistema educacional e o despreparo dos pais e professores para lidar com as mudanças comportamentais e educacionais dos alunos causadas pelas mudanças sociais.

Como educadora do Ensino Fundamental da rede pública comprometida com uma educação gratuita de qualidade, fiquei preocupada com o quadro atual da educação do município de Santa Rita-PB, em especial a Escola Municipal Padre Pires Ferreira, da qual fiz parte. As exigências educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas a diferentes dimensões da vida das pessoas como trabalho, participação social e política, vida familiar e comunitária, oportunidades de lazer e desenvolvimento cultural. O domínio de habilidades de leitura e escrita é condição essencial para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo que passa por uma grande evolução tecnológica e mudanças profundas nas diferentes formas de trabalho.

Ao olharmos de forma crítica a educação pública que temos, enquanto educadoras e estudantes do curso de pedagogia do PARFOR-UEPB, buscamos refletir acerca da educação que temos e que queremos, sua trajetória, impasses e inovações principalmente no que se refere ao trabalho de leitura e escrita numa perspectiva de letramento, já que a política educativa vê o analfabeto como um elemento que atrofia o processo de modernização refletindo diretamente na qualidade de produção.

Este trabalho é um diagnóstico de como está o trabalho de leitura e escrita na escola hoje e de como pode melhorar para despertar nos educandos a sua função invariável, que é a de fazê-los apropriar-se da cultura, da língua, dos conhecimentos, das artes, das habilidades, dos costumes e tradições e de aperfeiçoarem o patrimônio civilizatório. É sempre bom lembrar o artigo 205 da carta constitucional que reza: “A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1998, p. 99).

Daí a necessidade de se aprofundar nesta questão, ler o que os sociólogos, pedagogos e psicólogos escrevem a respeito da alfabetização e letramento e encontrar solução para o

problema do uso adequado dos vários gêneros textuais em sala de aula. Dessa forma busca-se enfrentar concretamente o problema, apresentando abordagens atualizadas e propondo soluções para esta problemática. Além disso, almejo contribuir com futuros pesquisadores que se interessem pelo assunto e com os educadores que direta ou indiretamente participaram do resultado deste trabalho.

Este trabalho é fruto da investigação que se realizou na Escola Municipal Padre Pires Ferreira, de Santa Rita-PB, onde o despreparo dos professores para trabalhar numa perspectiva de letramento utilizando os vários gêneros textuais tem se tornado muitas vezes um obstáculo à prática pedagógica, causando uma desorientação nos educadores que não estão sabendo que rumo tomar para chegar ao seu objetivo final, que é o de ensinar seus educandos a ler e escrever, de acordo com as exigências pedagógicas atuais.

O primeiro capítulo buscará a história, as definições e as origens da alfabetização e letramento, suas raízes, além do desenvolvimento e ampliação desse conceito, como também as possíveis causas do analfabetismo e evasão. A seguir, já no segundo capítulo fazemos uma discussão sobre a importância da leitura e da escrita a partir dos vários gêneros textuais, os meios e as pessoas que podem facilitar a aquisição dessas habilidades. No terceiro capítulo será apresentado um quadro geral sobre a escola-campo que foi alvo de minha investigação, relato as etapas de pesquisa, expondo e discutindo os resultados obtidos sobre o processo de leitura e escrita numa perspectiva de letramento. Ao final, incluí reflexões sobre a importância da formação do educador e do trabalho do pedagogo na escola, fazendo as considerações finais sobre o tema.

Espero que este trabalho de conclusão de curso ou monografia seja um instrumento de informação, reflexão e inspiração para todos que tiverem a oportunidade de ler, sendo este, uma pequena porcentagem do vasto leque de opções que existem sobre o tema discutido.

2 ESCOLA MUNICIPAL PADRE PIRES FERREIRA

Este capítulo tem como objetivo caracterizar o campo de pesquisa no 3º ano manhã da Escola Municipal Padre Pires Ferreira, descrevendo o procedimento da pesquisa, o momento da intervenção, apresentando e discutindo os resultados obtidos.

A escola dispõe atualmente de:

- 1 administradora escola com curso superior;
- 1 supervisora;
- 6 professores, 4 com o curso superior completo e 2 encerrando o curso de Pedagogia;
- 1 professora de Educação Física;
- 1 assistente administrativo;
- 7 auxiliares de serviços gerais;
- 4 vigilantes.

É uma escola que tem como objetivo conscientizar seus alunos e dar-lhes autonomia responsável para buscar seus direitos perante a sociedade, valorizando sua família, sua comunidade, enfim, sua cultura. Além desses pontos já mencionados, importantes para o seu desenvolvimento pessoal e social, busca-se desenvolver habilidades de leitura e escrita, como também matemática e outras ciências sociais.

A professora G., envolvida nesse trabalho de pesquisa, tem quase 11 anos de experiência na área de Pedagogia e está concluindo o curso de especialização em Psicopedagogia. É responsável por uma das três turmas do 3º ano do Ensino Fundamental, compostas por trinta e cinco alunos (as), que segundo ela, em sua maioria, apresentam dificuldades no desenvolvimento da leitura e da escrita. Um dos fatores que a educadora menciona como favorável para que esta realidade se apresente no cotidiano de muitas escolas é a prática de aprovar alunos do 2º ano para 3º ano sem que realmente eles estejam preparados e capazes para enfrentar os desafios presentes na série seguinte, ou seja, a chamada aprovação automática.

2.1 Clientela

Os alunos que são assistidos pela escola são oriundos de família de baixo poder aquisitivo. São crianças carentes de afetividade e respeito, com problemas de saúde, de

aprendizagem e familiares, o que causa um problema sério de baixa autoestima. Com relação aos alunos do 3º ano, apresentam faixa etária entre 7 e 10 anos e residem no bairro de Livramento, zona rural no município de Santa Rita-PB.

No tocante ao nível socioeconômico e cultural dos pais, a maioria são trabalhadores ambulantes, braçais, empregadas domésticas e catadores de caranguejo. Também pode-se observar que uma parte são analfabetos e não têm muito interesse pela educação dos filhos.

2.2 Procedimentos da pesquisa

A presente pesquisa foi de caráter qualitativo, através da qual se busca identificar e analisar por meio de questionário, entrevistas e observações no campo empírico, as causas e as possibilidades de solução para a não aprendizagem da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental, em especial no 3º ano, o qual estávamos investigando.

A pesquisa teve início no mês de fevereiro deste ano, indo à escola no turno da manhã, onde se fez um levantamento dos registros documentais em arquivos e documentos como o Projeto Político-Pedagógico (PPP), que nos foi disponibilizado pela direção da escola, mas não estava atualizado; foi confeccionado há mais ou menos cinco anos.

Na primeira semana do mês de março, foi-se novamente à escola no turno da manhã, onde foram aplicados os questionários (APÊNDICE B) com educadores, educandos e pais, visando analisar a metodologia e uso dos vários gêneros textuais dentro e fora da sala de aula, obtendo assim subsídios para realizarmos a nossa investigação.

Na segunda semana, partiu-se para a observação em sala de aula, onde foram adquiridas informações diretas sobre o tema em estudo. A nossa intervenção se deu de forma direta, pois, na mesma semana pedimos para que os educandos produzissem um texto sobre a importância da água em nossa vida. Este tema foi escolhido por ser um assunto real e atual, e também por estarmos próximo de comemorar o Dia Mundial da Água. Percebeu-se que os mesmos tiveram dificuldades para emitir opinião sobre o tema por escrito.

Na terceira semana, retornamos à sala de aula para darmos continuidade ao nosso trabalho de intervenção. Realizamos a Semana da Água. Nessa semana trabalhamos sempre depois do intervalo, e apesar dos alunos voltarem um pouco agitados conseguimos realizar o nosso trabalho com sucesso, pois sempre antes de iniciar fazíamos uma atividade de relaxamento com música.

No primeiro dia, trabalhamos com a música “Planeta Água”, de Guilherme Arantes (ANEXO A), onde debatemos os benefícios da água para todos. Cada aluno pôde dar sua

opinião sobre o tema e logo após escolher um trecho da música e interpretá-la em forma de desenho.

No dia seguinte, levei recorte de revistas e jornais que tratavam de vários temas relacionados à água, pedimos que em grupo eles lessem e escolhessem um dos recortes, explicassem o porquê de sua escolha, construísem um cartaz reproduzindo o texto de forma sintética em forma de alerta contendo ilustrações referentes ao tema escolhido. Como atividade de casa, pedi que entrevistassem moradores enfocando os hábitos de uso da água, o seu desperdício e como evitá-lo.

No terceiro dia, cada grupo socializou o resultado de sua entrevista com o grupo, debatemos sobre como fazer uso correto da água evitando o desperdício e, novamente ao som da música “Planeta Água”, pedimos que mais uma vez eles produzissem um texto sobre a importância da água em nossas vidas. Percebemos que desta vez, devido aos debates, onde todos puderam participar ativamente, e todo material que eles tiveram em mãos, ficou mais fácil para eles produzirem o texto, ou seja, houve um avanço na leitura e escrita de alguns alunos que antes mostravam dificuldades.

Este trabalho teve como meta fazer com que os professores se conscientizem de sua importância como mediadores no processo de leitura e escrita, acompanhem as mudanças que ocorrem dentro e fora da escola e busquem na realidade dos alunos e a partir dela, subsídios necessários para o desenvolvimento da aprendizagem como também para o uso social da língua, ou seja, não é para a professora descer ao nível de conhecimento do aluno, mas para aproveitar todo conhecimento trazido por eles, e utilizando uma metodologia adequada trabalhar esses conhecimentos de forma que os alunos ampliem sua visão de mundo. Como disse Magda Soares (1998), devemos trazer para a escola aquilo que se faz fora da escola, mas ao trazer para a escola aquilo que se faz fora da escola, tornamos escolar aquilo que é social, real - conseguir escolarizar adequadamente, trazer as práticas sociais para dentro da escola mantendo se possível as características reais dessas práticas sociais (expressão verbal).

2.3 Análise das respostas

Ao realizarmos a presente investigação, percebemos uma grande preocupação dos educadores daquela escola com as atividades de leitura e escrita. Observou-se ainda que alguns dos educadores continuam utilizando o método tradicional nas suas práticas diárias, com textos desinteressantes e desconexos de cartilhas. Isto demonstra uma prática pedagógica que deixa de considerar o concreto. Onde ficam os jornais, os anúncios, as revistas,

propagandas, nesta leitura de mundo que a escola faz? Neste sentido podemos afirmar juntamente com Paulo Freire (*apud* ZACCUR, 2010, p. 22) que:

[...] a escola está aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. Nesta dicotomia, o mundo da leitura é só o mundo do processo de escolarização, um mundo fechado, isolado do mundo onde vivemos experiências sobre as quais não lemos. Ao ler as palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as palavras da escola e não as palavras da realidade.

A escola precisa trabalhar com textos que tenham significados na vida das crianças e dos adolescentes; que os ensinem a lidar com a vida fora da escola, com o sucesso e os fracassos, ou seja, com suas próprias limitações e emoções buscando sempre superar os desafios que surgirem à sua frente; dessa forma eles estarão inseridos no mundo real do qual fazem parte, porém com uma visão crítica da situação. Assim, ele poderá escrever sua própria história e não deixar que os outros a escrevam para eles.

Diante de tudo que foi mencionado nos dois últimos parágrafos, percebe-se que os textos ainda são trabalhados de forma artificial, sem possibilitar o confronto entre os vários gêneros textuais. Mas, por outro lado, há uma esperança de mudança, pois alguns poucos educadores já estão trabalhando com alguns dos textos existentes de forma a incentivar a participação, interação, socialização e o uso da língua em favor da mudança pessoal e social.

Com o intuito de investigar a adequação e a utilização do livro didático e dos textos utilizados em sala de aula como meio facilitador para uma alfabetização almejada por todos, partiu-se para campo para investigar essas atividades pedagógicas.

2.4 Respostas da educadora

Questionada sobre as maiores dificuldades pedagógicas que ela encontra para desenvolver o seu trabalho, a mesma declarou que nem sempre a equipe pedagógica está disponível para atuar junto aos professores, trazendo subsídios necessários para auxiliá-los em sua prática, como também, há uma grande falta de interesse por parte dos alunos e o não acompanhamento dos pais no desenvolvimento da aprendizagem de seus filhos.

Em resposta às questões sobre os déficits de leitura e escrita, ela nos disse que os identifica através dos trabalhos de leitura individual e os exercícios escritos escolares (casa e classe). Ela ainda nos disse que estes déficits podem ser superados, só que para isso é preciso haver interesse de todos e não só do professor, em especial, é preciso contar com a ajudar dos

país.

Com relação à metodologia utilizada, ela declarou que não tem uma linha de trabalho específica, trabalhando com uma mistura de métodos procurando os melhores meios para auxiliar sua prática.

Quando se perguntou que tipo de textos costuma ler fora da escola, ela nos informou que gosta de texto informativo (jornal, revista etc.), pois a mantém sempre informada das coisas que acontecem no mundo. Porém, com relação à leitura feita em sala de aula por ela para os alunos, ela nos disse que às vezes só lia histórias.

Por fim, perguntou-se como ela descreve a sua relação com os alunos. A mesma falou que é uma relação boa e poderia ser melhor se eles cooperassem e não fossem tão mal-educados. Esse comportamento deles a afasta um pouco e muitas vezes a desestimula.

Logo, podemos perceber que há certa insatisfação da professora em atuar nesta área com todas essas deficiências, e que seu maior desânimo é que muitas vezes a culpa dos vários problemas que acontecem em sala de aula só recai sobre o professor, que faz o que pode para melhorar o seu processo de ensino-aprendizagem, buscando novas técnicas para tornar o processo de alfabetização o mais satisfatório possível, visto que alfabetizar é uma tarefa árdua e complexa.

2.5 Respostas dos educandos

Ao serem questionados se sabiam ler e se já leram algum livro, alguns disseram que não sabiam ler e a minoria falou que sabia ler um pouco. Nenhum deles havia lido qualquer livro que fosse, e um deles ainda comentou que é complicado ler devido à extensão dos textos. Segundo a professora G. estes alunos são classificados como os que mais sentem dificuldades no processo de construção da leitura.

O segundo item da entrevista foi: Como sua professora trabalha com você a atividade de leitura? E as respostas foram as mesmas para todos os alunos. Disseram que a professora coloca frases no quadro de giz ou nos cadernos, frases do tipo: "A menina é bonita, o sapato é bonito, a bola pula, a casa é nova". Tal constatação nos conduz a refletir sobre a presença da concepção tradicional na escola, nela está compreendido o método de se inculcar, depositar informações nos educandos. Este método se constitui na tão conhecida educação bancária criticada pelo educador Paulo Freire, devido a esta estar associada à realização de exercícios repetitivos, de memorização de palavras, frases e fórmulas.

Pelo que podemos perceber através das suas respostas, esses alunos fixaram as

informações na mente e conseguem processá-las, mas de forma mecânica e não autônoma. A criatividade, a espontaneidade discente precisa ser mais desenvolvida nas escolas.

Diante da indagação se gosta de ler ou escrever, a maioria disse que gosta mais de ler, mesmo não estando alfabetizados, pois têm dificuldade de escrever corretamente e de expor suas ideias, ou seja, produzir bons textos. Alguns deles ainda disseram que gostavam de fazer cópias curtas, pois não precisavam pensar tanto para fazê-las.

A última pergunta foi a seguinte: Como você gostaria que a sua professora trabalhasse a leitura e a escrita em sala de aula? Alguns não souberam responder, já outros disseram que gostariam que fosse trabalhado com vídeo, gibi, jogos, com livros de histórias diversas etc.

Neste sentindo pode-se perceber que a forma trabalhada pela professora não atrai o aluno para o mundo da leitura, ao mesmo tempo em que há uma necessidade dos alunos pela busca do novo, pela necessidade de aulas mais criativas e prazerosas, atividades que os incentivem a viajar. Sendo assim, faltam influências educacionais e ambientais na promoção do interesse pela leitura.

2.6 Respostas dos pais

Quando perguntamos para os pais se conheciam bem seus filhos e sabiam das dificuldades que eles possuíam, todos afirmaram que os conheciam e sabiam das dificuldades enfrentadas por eles. No entanto, podemos perceber uma controvérsia nas respostas dos pais, pois o pouco que ficamos na sala tivemos a oportunidade de observar que há negligência dos pais, visto que o não acompanhamento é visível em sala de aula.

Quanto à questão de haver uma relação de diálogo entre eles, disseram que o diálogo tem acontecido, só que o que se observa são crianças desobedientes, sem regras, sem estímulo e pais sem autoridade. É comum ver cenas de pais agredindo filhos verbalmente e filhos desafiando os pais ainda que seja com o olhar ou com indiferença.

Portanto, faz-se necessário tanto pais quanto educadores promoverem estímulos e filhos com tarefas escolares. Eles disseram que sim, e novamente ficaram sem entender visto que a maioria das crianças vem para a escola com as tarefas sem serem respondidas, e o descaso é ainda maior, pelo básico, alunos sem os livros que foram distribuídos a pouco mais de um mês, e tantos outros.

Por fim, questionou-se sobre a disponibilidade dos pais para acompanhar o desenvolvimento de seu filho. A minoria disse que sim, existe uma disponibilidade para acompanhar o desenvolvimento de seu filho, já o grupo maior disse que a disponibilidade é

pouca, pois precisam trabalhar para sustentá-lo. Portanto, devido a essa falta de tempo, as únicas prejudicadas são as crianças que vão deixando de aprender condutas, práticas e valores que só irão adquirir se forem iniciadas pelo adulto e se isso não acontece vão ficando ao acaso, tornando-se perdidas e confusas.

Então, situações desse tipo podem ser constantes no dia a dia de muitos alunos, os pais nem sempre podem estar presentes por completo na vida de filhos, tornando-se comum que os filhos mais velhos assumam o papel que cabe ao pai e à mãe, o de educar seus irmãos mais novos. Essa ausência dos pais pode ocasionar nos filhos problemas de relacionamento familiar devido à ruptura dos vínculos afetivos. Fiamenghi (1999, p. 27) declara:

[...] a maioria dos pais estão sobrecarregados e pouco tempo disponíveis para engajar-se em rituais com os filhos. Almoçar, jantar, tomar café da manhã, ler uma história ao ir para cama, enfim, situações cotidianas altamente ritualizadas em épocas não muito antigas, não existem mais. Na maioria das famílias, os pais não estão mais disponíveis no horário das refeições. Quando chegam em casa, os filhos já foram dormir.

Na verdade, os relacionamentos familiares daqueles e de tantas outras crianças com seus pais nem mesmo se caracterizam pelo componente afetivo, pelo convívio, companheirismo e apoio mútuo. Não sabem esses pais que no futuro a vida, e mais precisamente as crianças, vão lhe cobrar essa ausência que tantos males irá causar a essa personalidade que está em construção, tornando a criança de hoje um adulto frustrado, com baixa autoestima, que todo mundo passa por cima, ou num adulto vingativo, agressivo que passa por cima de todo mundo como a vida fez com ele.

Todavia a atividade de realização das entrevistas junto aos alunos, professor e pais, foi muito significativa, pois pudemos conhecer de perto a comunidade escolar e com isso incentivarmos ainda mais o interesse dos educandos, educadores e pais a respeito da importância da leitura e escrita na escola e conscientizá-los de que cada um pode dar sua contribuição para melhorar o futuro de nossas crianças, com relação à leitura e à escrita.

3 O PROCESSO HISTÓRICO – SOCIAL DA LEITURA E ESCRITA

Durante vários anos os educadores têm tentado resolver um problema que cada dia está se tornando mais preocupante: a alfabetização das crianças. Como trabalhar a leitura e a escrita na atual conjuntura familiar, educacional e social em que nos encontramos hoje?

Para se entender melhor as transformações ocorridas na escola, na busca incessante para se chegar ao nível de alfabetização exigido pela sociedade, é necessário que se faça um resgate histórico-social até os dias atuais.

Segundo Barbosa (1992), o modelo de escola de alfabetização nasceu em 1789, na França, após a Revolução Francesa. A partir de então, as crianças são transformadas em alunos. Logo aprendiam a ler para depois escrever, pois ler e escrever eram aprendizagens distintas. Com a Revolução, a ruptura vai sendo atropelada pela tradição; daí, a alfabetização se torna o fundamento da escola básica e a leitura/ escrita, aprendizagem escolar.

A evolução da investigação e do debate em relação à alfabetização escolar, segundo o autor salienta, pode ser definida em três períodos:

No primeiro, a discussão se dava estritamente no terreno do ensino, onde supunha que a ocorrência do fracasso se relacionava com o uso de métodos inadequados, então se buscava o melhor método para ensinar a ler. A discussão se dava entre os defensores do método global e os dos métodos fonéticos.

No Brasil essa discussão caiu em desuso, a partir da difusão do método “misto” que nada mais é que a nossa conhecida cartilha, estruturada a partir de um silabário.

O segundo foi nos anos 60, onde teve por centro geográfico os Estados Unidos. A discussão foi levada para um debate mais amplo em torno do fracasso escolar. Foi gasto muito dinheiro com pesquisas para buscar explicações sobre por que as crianças não aprendiam. No entanto, buscava-se no aluno a razão de seu próprio fracasso.

Desse período surgiram as “teorias do déficit”. Supunha-se que a aprendizagem dependia de pré-requisitos (cognitivos, psicológicos, perceptivo-motores, linguísticos) e que muitas crianças fracassavam por não disporem dessas habilidades prévias.

Inúmeros exercícios de estimulação foram criados como remédio para o fracasso, como se fosse uma doença. O teste ABC de Lourenço Filho para medir a “maturidade” teve muita influência no Brasil. Nos anos 70, toda criança deveria passar pelos exercícios conhecidos como de “prontidão” para alfabetização.

O terceiro período começa em meados dos anos 70, marcado por uma mudança de paradigma. O desenvolvimento da investigação mudou; em lugar de procurar explicações

sobre as dificuldades dos que não conseguiam aprender, tentou-se compreender como aprendem os que conseguem aprender a ler e escrever sem dificuldade.

Ferreiro e Teberosky (1986, p. 23) coordenaram um trabalho de investigação, onde os educadores brasileiros compreenderam melhor o processo de alfabetização. Com isso houve uma transformação radical nas práticas de ensino da leitura e da escrita no ensino da escolarização, ou seja, na didática da alfabetização: já não é mais possível conceber a escrita exclusivamente como um código de transcrição gráfica de sons, como também não é mais possível desconsiderar os saberes que as crianças constroem antes de aprender formalmente a ler.

A partir destas e outras mudanças ocorridas no meio educacional, fica claro que a linguagem oral e escrita ocupa papel central nas relações sociais vivenciadas por crianças e adultos. Estas habilidades também servem para manter e reforçar a situação de desigualdade social existente.

As exigências educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas às dimensões da vida das pessoas: trabalho, participação social e política, a vida família e comunitária, oportunidade de lazer e desenvolvimento cultural.

Nessas experiências vividas com práticas de leitura e escrita, muitas vezes mediadas pela oralidade, meninos e meninas vão se constituindo como sujeitos letrados.

Sabemos hoje (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2004) que as crianças que vivem em ambientes ricos em experiência de leitura e escrita não só se motivam para ler e escrever, mas começam desde cedo a refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades. Disso deriva uma decisão pedagógica fundamental: para reduzir as diferenças sociais, a escola precisa assegurar a todos os estudantes – diariamente – a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos diversificados.

É necessário, então, que a instituição escolar responsável pelo ensino de leitura e escrita, promova situações variadas, de forma a ampliar os conhecimentos prévios dos educandos de modo que eles possam ler e produzir os diferentes gêneros textuais com autonomia.

Cabe à escola e principalmente ao educador refletir sobre os diferentes textos que chegam até os educandos dentro e fora do ambiente escolar, entendendo que se não houver um mediador entre os educandos e o texto, esse contato não garantirá que as crianças e os adolescentes se apropriem do Sistema de Escrita e Alfabetização. Desse modo, é preciso considerar relevante a distinção feita pela professora Magda Soares (1998) entre alfabetização

e letramento.

O termo alfabetização se refere ao processo pelo qual se adquire uma tecnologia de escrita e as habilidades de utilizá-la para ler e escrever. Dominar tal tecnologia envolve conhecimentos e destrezas variados, como compreender o conhecimento do alfabeto, memorizar as convenções letra – som e dominar seu traçado, usando instrumentos como lápis, papel e outros que os substituam.

Já o termo letramento se relaciona ao exercício efetivo e competente daquela tecnologia da escrita, nas situações em que precisamos ler e produzir textos reais. Ainda segundo a professora Magda Soares (1998, p. 47) “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita”.

Como alfabetizar letrando? Essa é uma das perguntas que acompanha os educadores. Morais e Albuquerque (2004) afirmam que para alfabetizar letrando é necessário democratizar a vivência de prática da leitura e da escrita e ajudar o estudante a ativamente reconstruir essa interação social que é a escrita alfabética.

Portanto, para que os educandos possam ser alfabetizados numa perspectiva de letramento, é preciso que pais e educadores tenham consciência do fundamental que exercem na vida dessas crianças e adolescentes, e busquem formas para atender às exigências educacionais e sociais, atualizando-se e preenchendo as lacunas que estão vazias na sua formação.

Como trabalhar leitura numa perspectiva de letramento quando não se sabe o quê? Como incentivar crianças e adolescentes a ler os mais variados tipos de textos se não existe o hábito de leitura ou não se gosta de ler? Será que a escola e a família estão preparadas para as dificuldades enfrentadas pelos alunos e para as mudanças que estão ocorrendo no dia a dia?

3.1 Algumas reflexões sobre letramento

O letramento surgiu em meados dos anos 80, em meio às discussões surgidas entre os profissionais da área da educação e das ciências linguísticas. Após muitas pesquisas sobre o porquê do uso do termo letramento, descobriu-se que ela surge a partir do termo *literacy*, uma palavra da língua inglesa.

Etimologicamente a palavra *literacy* vem do latim e significa *litera* (letra), com o sufixo - cy que denota qualidade, condição, estado, fato de ser, ou seja, *literacy* é estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia

de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja induzida, quer para o indivíduo que aprender a usá-la.

Ainda segundo Magda Soares (1998), a palavra letramento criada aqui no Brasil, traduzida ao "pé da letra" quer dizer: o inglês *literacy*: letra - do latim *litera*, e o sufixo -mento, que denota o resultado de uma ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

Vale ressaltar que o indivíduo pode não saber ler ou escrever, o que o designaria como analfabeto, pode de certa forma ser considerado letrado, ou seja, a criança que ainda não se alfabetizou, mas folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, ela é considerada ainda analfabeta, mas já penetrou no mundo do letramento.

Dessa forma Albuquerque (2005) afirma:

[...] Saber ler e escrever palavras e frases não assegura o exercício de prática de leitura e escrita, modo a alcançar propósito numa sociedade em que aquelas práticas se fazem essenciais para o exercício da cidadania.

[...] alfabetização corresponde ao processo pelo qual se adquire uma tecnologia, a escrita alfabética e as habilidades de utiliza-las para ler e escrever. Já letramento relaciona-se ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita.

Portanto, apropriar-se da leitura e da escrita é diferente de ter aprendido a ler e escrever. Para tanto é de fundamental importância que se desenvolva a competência comunicativa, trabalhando com a língua oral e escrita, abrindo espaço para reflexão de seus usos e sua adequação às diferentes situações comunicativas. É por meio da linguagem que aprendemos conceitos que nos permitem compreender o mundo e agir sobre ele.

O letramento é importante por tornar o indivíduo capaz de argumentar sobre determinados assuntos. Quanto mais falar se ouve, compreende-se, lê-se e escreve-se, mais se apropria do processo de linguagem. É importante saber que a linguagem é uma forma de interação humana. Ensinar e aprender são situações possíveis somente quando se produz linguagem, e esta, torna-se importante no processo de letramento não só pela interação, mas porque se reflete sobre tudo que se lê e se escreve.

É importante que se compreenda que a criança desde cedo já observa, antecipa, interpreta, interage com o mundo, dando significado aos seres, aos objetos e às situações que a cercam, e utiliza esses mesmos meios para compreender o sentido do que lê ou ouve. Cabe

aos adultos, principalmente, ao educador, que é um mediador entre o mundo da linguagem e os educandos, desenvolver atividades que contribuam para o enriquecimento desse processo utilizando textos os mais variados possíveis para discutir, divertir, emocionar, ou seja, envolver os educandos.

Refletindo-se um pouco sobre o letramento, pode-se entender que este pressupõe a concepção de língua como discurso. Não se considera aqui a língua como instrumento de transição, como veículo de comunicação por meio do qual alguém diz ou escreve algo para alguém que deve compreender o que ouve ou lê. Considera-se aqui a língua como processo em que interlocutores vão construindo sentidos e significados ao longo de suas trocas linguísticas, orais ou escritas, sentidos e significados que se constituem segundo as relações que cada um mantém com a língua, com o tema sobre o qual fala ou escreve, ouve ou lê segundo seus conhecimentos prévios, atitudes e pré-conceitos, segundo ainda situações específicas em que interagem de acordo com o contexto social em que ocorre a interlocução.

É a atividade linguística assim entendida que se chama discurso, atividade que se materializa, pois, em práticas discursivas constituídas segundo as condições e produção do discurso. Assumindo essa concepção de língua como discurso, pretende-se que o letramento, tal como foi definido seja trabalhado em sala pela proposta de práticas discursivas, materializadas em textos orais (fala) ou escritos (escrita) de diferentes gêneros, pois, segundo Carlos Libâneo (2005, p. 23): “A condição de sujeito letrado se constrói nas experiências culturais com prática de leitura e escrita que os indivíduos têm oportunidade de viver, mesmo antes de começar uma educação”.

O processo de letramento acontece a todo o momento e em todo lugar, pois os indivíduos estão em contato com os mais variados gêneros textuais na rua e em casa; desta forma eles podem participar de atividades de leitura e escrita, emitir opinião e fazer uso da língua não só em seu benefício, mas de toda uma sociedade. Todo esse processo acontece antes mesmo de se entrar na escola, porém, com a sua entrada no meio escolar este uso da língua se intensifica e ele se torna cada vez mais crítico e consciente.

3.2 A família e os desafios ao longo do tempo

O atual contexto brasileiro, assim como os demais países em desenvolvimento, apresenta inúmeros problemas, tanto na esfera social, política e econômica, quanto cultural e educativa. No que se refere aos aspectos sociais, políticos e econômicos, destaca-se um grande índice de desemprego, falta de assistência médica, fome, baixos salários dos

trabalhadores, tráfico de drogas envolvendo crianças e adolescentes, falta de moradia e, sobretudo, falta de política para amenizar essa problemática.

Ao longo do tempo, os valores de uma determinada sociedade vêm sendo renegados e esquecidos quanto a tudo que acontece, para que isso não aconteça na sociedade podendo contribuir de forma mais concreta, modificando e cristalizando. Essas mudanças vão influenciando os modos como os grupos sociais se organizam e se comportam nas esferas políticas, econômicas, culturais e educacionais. Hoje, as famílias não têm mais tempo para estar com seus filhos, para educá-los e acompanhá-los no processo ensino-aprendizagem, o que faz com que as crianças fiquem desestimuladas nos estudos e coloquem outros valores à frente da educação, valores esses como o dinheiro, por exemplo.

No mundo capitalista em que vivemos uma pessoa desempregada, com baixo grau de escolaridade ou sem escolaridade nenhuma, é difícil se manter sem procurar por meios "fáceis" de ocupar seu tempo, inclusive ganhando dinheiro. A necessidade fala mais alto e o estudo fica em segundo lugar tanto para os pais, quanto para as crianças que cansadas de passar necessidade se vêm diante da chance de ter tudo que sempre sonharam e onde o estudo, segundo eles, não contribui para suprir as necessidades enfrentadas naquele momento.

Segundo Guimarães (1996), quando a lógica do querer-viver se impõe, surgem tensões que se expressam no interior dos grupos e entre eles. Essas forças impedem o eixo completo da dominação. Se hoje as crianças e os adolescentes já não possuem mais bons exemplos a serem seguidos tanto no comportamento quanto nos estudos ou mesmo na vida em sociedade, é devido a conflitos enfrentados pelos próprios pais há tempo, ou seja, conflitos de gerações.

A partir da década de 80, a sociedade civil resolveu se organizar para lutar pela sua liberdade e democratização do país. Influenciada por esse ideal de liberdade, a família nos anos 80, filha da ditadura militar, começou a rever a educação dos seus filhos, abrindo-se assim espaço para o diálogo ao invés dos castigos severos. Só que ao invés de dar uma educação ponderada, pautada nos princípios da responsabilidade e do respeito, os pais perderam a autoridade que tinham sobre os filhos. Surge assim a cultura do "eu posso tudo".

As autoras Moreno e Cubero (1995) identificaram três estilos básicos que as famílias têm para lidar com filhos:

- Os pais autoritários – São aqueles pouco afetuosos ou comunicativos, bastante rígidos, controladores e exigentes, com padrões rigorosos de conduta. Os filhos devem estabelecer as normas preestabelecidas, mesmo que não as compreendam. Diante da transgressão, os pais ameaçam e infringem castigos físicos. Seus filhos costumam ser obedientes, mas tímidos, com pouca autonomia e baixa autoestima.

- Os pais permissivos - São os que valorizam o diálogo, afeto, interessam-se muito pela opinião da criança, mas como têm grande dificuldade em exercer controle sobre seus filhos, cedem a todos os caprichos. Não estabelecem limites e não costumam exigir responsabilidade de seus filhos. Por isso, embora alegres e dispostas, essas crianças são, em geral, impulsivas e imaturas e não conseguem assumir obrigações.
- Os pais democráticos – São os mais equilibrados. Demonstram alto nível de comunicação e afeto, estimulam os filhos a dar opinião, são flexíveis, mas conseguem fixar limites e regras claras, bem explicadas, seus filhos têm maior autocontrole, autoestima, iniciativa e sociabilidade.

É preciso deixar bem claro que a família exerce grande influência sobre a criança e o adolescente, e que as práticas de educação dos pais são aspectos que interferem de forma positiva ou negativa no desenvolvimento individual da criança com uma visão positiva da leitura e da escrita, visão de uma aprendizagem voltada para seu crescimento pessoal a partir das exigências feitas pela sociedade.

Por falta de instrução, de uma condição financeira favorável, de autocontrole, de autoestima, hoje, é praticamente a escola, sozinha, responsável pelas funções que antes pertenciam aos pais, como valores éticos e comportamentos básicos.

Enfim, a criança de hoje é obrigada a crescer com a ausência dos pais, sendo isto um forte fator propiciador para as dificuldades apresentadas pelo aluno em sala de aula. E que de certa forma esses modelos de pais, acima citados, não condizem nos dias de hoje, pois, somos pais e mães reais de acordo com o momento e a circunstância.

3.3 Como aprendemos e ensinamos

Este texto é fruto de pesquisa do papel do professor na promoção da aprendizagem onde tive a oportunidade de observar outros colegas de trabalho, sua forma de trabalhar. É importante ressaltar uma melhor compreensão do processo ensino e aprendizagem, pois, a evolução da humanidade depende diretamente da evolução de como vemos e compreendemos o mundo e essa visão é essencialmente determinada pela maneira pela qual aprendemos a apreender esse mundo. A aceleração das mudanças e das inovações trouxe um problema de natureza essencialmente educacional: o modelo de aprendizagem comportamental não é mais suficiente para apreender o mundo, da forma como ele vem se apresentando por uma razão simples, o conceito de aprendizagem teve que se tornar mais dinâmico e aprender passou a ser exigência instrumental. A sobrevivência no mundo atual e no mundo que se anuncia

dependerá da habilidade de saber aprender e “desaprender” com certa desenvoltura, o que torna essa mudança de paradigma o maior desafio dos professores.

Torna-se difícil para o educador com esses novos conceitos dar aula, pois, a cada momento surge um novo conceito, um novo desafio! Ou promover novas formas de desafiar os alunos, perseguir uma aprendizagem mais profunda, falar até a questão de dar instruções ou resposta! Melhor seria elevarmos nossa autoestima como professor e dos alunos e dos demais que fazem parte desse processo!

De um modo geral o modelo de aprendizagem que embasa as necessidades de nosso tempo não é mais o modelo tradicional que acredita que o aluno deve receber informações prontas e ter que repeti-las na íntegra, como única tarefa. A promoção da aprendizagem significativa se fundamenta num modelo dinâmico, no qual o aluno é levado em conta, com todos os seus saberes e interconexões mentais. Desenvolver a autonomia na sala de aula está ligado à possibilidade dos alunos tomarem decisões, responsabilizando-se por suas tarefas e conhecendo os critérios através dos quais serão avaliados. Que conceito usaria se damos tudo pronto em nossas aulas? “Dar aula cansa, frustra e adoce”. Parando para pensar e analisar, é verdade. Ensinar a pescar ao invés de entregar o peixe pronto. Fazer do caminho, e não da chegada, a razão da jornada. Aprender com os erros. Todas essas novas posturas diante do mundo são também o ponto de partida da promoção de uma aprendizagem significativa. A função instrumentalizada da educação nunca foi tão ratificada quanto nos tempos atuais. Nunca estivemos tão diante da necessidade de criar, construir, mudar e redimensionar quanto nos encontramos na era atual.

Mostrar as características da educação do nosso tempo, que corresponde com a formação de um cidadão instrumentalizado para protagonizar o seu tempo: autonomia, seletividade, planejamento, interação social, coletividade, flexibilidade e criatividade. Há evidências de que estas são as condições básicas para se atingir o sucesso neste novo século. A verdadeira aprendizagem se dá quando o aluno (re)constrói o conhecimento e forma conceitos sólidos sobre o mundo, o que vai possibilitá-lo agir e reagir diante da realidade. A aprendizagem acredita-se que se dá através do que entendemos serem os passos da (re)construção do conhecimento: sentir, perceber, compreender, definir, argumentar, discutir e transformar. Toda essa compreensão básica é necessária para que o aluno construa um sentido real e concreto com relação ao conteúdo. Falar que toda aprendizagem parte de um significado contextual e emocional; após contextualizar o educando precisa ser levado a perceber as características específicas do que está sendo estudado e quando se dá a construção do conceito, o que garante a possibilidade de utilização do conhecimento em diversos

contextos, isso significa esclarecer um conceito. O aluno deve definir com suas palavras, de forma que o conceito lhe seja claro. Após definir, o aluno precisa relacionar logicamente vários conceitos e isso ocorre através do texto falado, escrito, verbal e não verbal; nesse passo, o aluno deve formular uma cadeia de raciocínios através da argumentação e da (re)construção do conhecimento e transformação. Por fim, a aprendizagem significativa é a intervenção na realidade. Sem esse propósito, qualquer aprendizagem se torna superficial (inocente) sem bases sólidas.

O professor só deve iniciar as atividades de percepção quando o sentido já tiver sido construído. As muitas instruções correspondem a adotar uma postura não necessária em uma aprendizagem significativa; por isso, é necessário incentivar as decisões coerentes e questionar as decisões descabidas sem proteção exagerada, mas sim cuidadosa. Devemos sempre buscar a autonomia na sala de aula. As instruções em várias ocasiões são extremamente necessárias; por isso, devemos dosar cuidadosamente sempre correlacionando as formas de instrução para que não haja excesso ou muito menos falte (nem tanto, nem tão pouco). A aprendizagem nos ensina que compreender é construir um conceito sobre algo, a partir da reunião das características e fatos percebidos. O professor deve facilitar a desenvoltura através de atividades que levem o aluno a manter e explorar seus conhecimentos com o objetivo de reforçar e valorizar e fazê-lo sentir-se parte do processo de aprendizagem e, desta forma, o alunado se sente importante em sua magnitude. São desafios a alcançar que fazem o aluno, diante das dificuldades e compartilhando seus conhecimentos, sentir-se parte ativa desse processo de aprendizagem. É importante que o professor dê espaço, respeite a linguagem do aluno, expresse o conceito da maneira que entendeu, para que essa definição seja livremente elaborada.

É cada vez mais frequente falar da interação entre os alunos no processo de aprendizagem das intervenções objetivas, favorecer ao aluno a compreensão, possibilitando a construção de melhores hipóteses. As atividades são elaboradas e organizadas de acordo com os interesses e as necessidades dos alunos. Observar alguns aspectos significativos, como, por exemplo, compreender que enfrentar problemas implica em desenvolver outros interesses na sala de aula, Isso exige considerar as diferenças entre os alunos como um recurso para o enriquecimento das atividades de aprendizagem. Estimular e ampliar ideias através da troca do conhecimento deve se concretizar em sala de aula, para que os alunos troquem ideias e opiniões. Ouvir opinião do colega e ser ouvido e refletir sobre o que foi dito é fundamental no caminho da socialização.

3.4 A escola e os desafios educacionais dos nossos dias

A escola autônoma, em muitas atividades essa autonomia se torna nula, ou seja, ela se torna dependente da realidade histórico-social na qual está inserida e como diz Franco (1996, p. 139), ela "é parte integrante e inseparável do conjunto dos demais fenômenos que compõem a totalidade social". Sendo assim, todas as mudanças que possam ocorrer fora da escola (na sociedade e na família), interferem na escola, transformando os conceitos e as formas de agir ali arraigados.

Considerando que a escola é mudada de acordo com os acontecimentos vivenciados na sociedade, vê-se que muitos dos problemas enfrentados na escola têm seus alicerces oriundos da vida social. Segundo Vasconcelos (2000), algumas décadas atrás a escola era valorizada socialmente, sendo considerado o único meio de ascensão social e a função do educador era muito valorizada e inspirava respeito. A família apoiava incondicionalmente a escola, orientando os filhos nas tarefas ou os monitorando para que as tarefas fossem feitas (ainda que eles possuíssem um grau de instrução para isso), como também ensinava o respeito que deveria ter com as pessoas.

Com as mudanças ocorridas nas últimas décadas e com o enfoque da política educacional brasileira voltado para a necessidade de expandir a oportunidade de escolarização, houve um aumento no acesso à escola básica. A escola que antes era privilégio de poucos, passou a ser direito de todos. O acesso à escola está praticamente universalizado em todo o país, mas a qualidade de ensino tão almejada para todos diminuiu. Os altos índices de evasão e repetência continuam devorando assustadoramente as crianças brasileiras, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Este fato se agravou ainda mais com a extinção das classes de alfabetização por força da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, que priorizava e financiava apenas o Ensino Fundamental da primeira à oitava série. Com a ampliação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), acreditou-se que tudo iria mudar, mais a diferença foi pouca, quase que imperceptível em relação ao FUNDEF.

Em razão dessas e outras mudanças, é comum observarmos no cotidiano escolar a falta de respeito que um colega tem pelo outro ou pelos profissionais das escolas, como também a desmotivação dos educandos e dos próprios profissionais da escola em ver a educação para a melhora da qualidade de vida, ou seja, a escola fica a um passo do fracasso escolar. Azevedo

(1997, p. 106) afirma: “Neste sentido o fracasso da escola torna-se duplamente trágico: ele priva a criança não apenas de instrumentos de sobrevivência, mas também de si mesmo, trata-se de algo que deve ser encarado como verdadeira amputação da personalidade”.

Neste sentido, é de fundamental importância que o educador como mediador mostre para o educando a importância da aprendizagem na sua vida e de estar sempre bem informado sobre os mais variados tipos de assuntos para formar opinião diante das discussões que surgirem, ou seja, ele precisa entender que ler o mundo é mais importante do que ler um texto sem ter uma visão crítica. Freire (1987, p. 118) enfatizando a importância do pensar o mundo criticamente como forma de crescimento social e intelectual, afirma:

Sendo os homens seres em "situação", se encontram enraizados em condições tempos espaciais que os marcam e a que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria situacionalidade, na medida em que, desafiadas por ela, agem sobre ela. Esta reflexão implica por isto mesmo algum mais que está em situacionalidade, que é sua posição fundamental. Os homens são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pense criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão. (...) Esta reflexão sobre a situacionalidade é um pensar a própria condição de existir.

Tentar inserir os educandos no mundo onde a opinião, a conscientização e a criticidade são importantes dentro e fora da escola faz parte do papel do educador, muito embora muitos de nossos educadores estejam pouco preparados ou sem preparação alguma para vivenciar esta realidade. As mudanças frequentes nos modelos pedagógicos têm gerado dúvidas e descrenças nos educadores, fazendo com que exista hoje uma fragmentação e um esvaziamento nos cursos de formação de educadores. Hoje os educadores se sentem sozinhos na busca por uma educação de qualidade para seus educandos, o que os deixa descrentes e desmotivados assumindo posturas diferentes e acarretando inúmeras consequências para a prática educativa, interferindo no processo ensino-aprendizagem, Morais (1997, p. 93) aponta como causas responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem:

Dificuldades de leitura adquirida
 Intercepção
 Cegueira verbal congênita
 Dificuldade específica de leitura
 Dislexia
 Distúrbios perceptivos
 Dificuldades viso motora
 Hiperatividade
 Disfunção cerebral
 Problemas psicomotores
 Dificuldades específicas da linguagem
 Problemas emocionais e de comportamento.

Para que o professor esteja atualizado com todos estes problemas, suas possíveis causas e como combatê-los, é necessário haver formação contínua além de muita pesquisa nas áreas que possam estar contribuindo para o aumento no índice de analfabetismo e evasão. Nessa formação, é necessário que o professor entre tantas outras estude três abordagens: a Pedagogia, a Psicogenética e Psicopedagogia.

Na psicogenética de Wallon (1968), o autor propõe uma teoria da emoção, que para ele é um fenômeno cuja função é mobilizar o outro. Trata-se de aprender a ler os seus sinais, interpretar gestos, a entonação da fala. No processo de alfabetização é de fundamental importância realizar esses procedimentos, pois enquanto processo social, a emoção é um círculo que envolve o aprendiz. Desta forma, é preciso que o professor conheça a realidade dos alunos, para só assim propor intervenções.

Já a abordagem pedagógica, historicamente, surgiu na fronteira entre a pedagogia e a psicologia, a partir da necessidade de atendimento de crianças com "distúrbios de aprendizagem", consideradas inaptas dentro do sistema educacional convencional. Atualmente, à luz de pesquisas pedagógicas que vêm se desenvolvendo, inclusive em nosso meio e de outras áreas, o campo da psicopedagogia passa por uma reformulação. Busca-se uma compreensão mais integrada do fenômeno da aprendizagem e uma atuação de natureza mais preventiva. Esta abordagem tem como objeto central o processo de aprendizagem humana, bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento.

Percebe-se que a luta pela alfabetização numa perspectiva de letramento, na atual conjuntura educacional em que se vive, é mais complexa do que se pode pensar. Logo, não se trata apenas de colocar métodos novos no lugar dos antigos, ou até mesmo trocar as cartilhas por outras mais modernas, mas de buscar subsídios, para ultrapassar as barreiras que surgem no dia a dia da sala de aula, a que estão se referindo no processo ensino-aprendizagem. É preciso que a escola de um modo geral comece a dar sentido ao que ensina, estabelecendo ligações entre o conhecimento teórico e a prática cotidiana, visto que não basta tão somente identificar os problemas e dificuldades, mas sim, as necessidades de cada criança, para só assim tentar ajudá-la a enfrentar tais dificuldades e no caso do educador superar suas próprias dificuldades buscando meios para enfrentá-los, ou seja, ser sempre um pesquisador.

4 MEIOS QUE FACILITAM A LEITURA E A ESCRITA

Abordaremos, a seguir, quais as possibilidades de ação que todos da comunidade escolar podem pôr em prática juntos, considerando a velocidade em que vivemos, sendo estas propostas fundamentadas a partir das dificuldades da leitura e escrita na escola e fora dela.

4.1 O uso social da língua

A língua escrita, sendo um objeto social não se distribui equitativamente entre os distintos setores da população e o grau diferenciado de domínio das habilidades de leitura e escrita reforça uma situação de desigualdade social.

As exigências educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas a diferentes dimensões da vida das pessoas: trabalho, participação social e política, vida familiar e comunitária, oportunidade de lazer e desenvolvimento cultural.

O domínio da habilidade de leitura e escrita é condição essencial para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo que passa por grande evolução tecnológica e mudanças profundas nas diferentes formas de trabalho.

Na história da civilização moderna, o ideal de democracia sempre contemplou o ideal de uma educação escolar básica universalizada. Através dela, pretende-se consolidar a identidade de uma nação e criar possibilidade para que todos participem como cidadãos na definição de seus destinos.

Para participar de uma sociedade complexa como a nossa, o indivíduo precisa ter acesso a um conjunto de informações e pensar uma série de problemas que ultrapassam suas vivências imediatas exigindo o domínio de instrumentos de uma cultura letrada. Um regime político democrático exige ainda que as pessoas assumam valores e atitudes democráticos como: a disposição para a participação, para o debate de ideias e o reconhecimento de posições diferentes.

As exigências educacionais são impostas pela própria vida cotidiana. Para se ter acesso a muitos dos benefícios de uma sociedade moderna, é preciso ter domínio dos instrumentos da cultura letrada: para se locomover nas grandes cidades ou de uma localidade para outra; para tirar documentos ou para cumprir inúmeros procedimentos burocráticos; para mover-se no mercado de consumo e finalmente para poder usufruir das muitas modalidades de lazer e cultura.

Para tanto é de fundamental importância que se desenvolva a competência

comunicativa, trabalhando com a linguagem oral e escrita, abrindo espaço para a reflexão de seus usos e sua adequação às diferentes situações comunicativas. Por meio da linguagem aprendemos conceitos que nos permitem compreender o mundo e agir sobre ele.

4.2 Escola e família: uma união que pode dar certo para formar cidadãos letrados

A condição de sujeito letrado se constrói nas exigências culturais com práticas de leitura e escrita que os indivíduos têm oportunidade de viver, mesmo antes de começar sua educação formal. Sabe-se que as crianças que vivem em ambientes letrados não só se modificam precocemente para ler e escrever, mas começam, desde cedo, a poder refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao redor, sobre seus estilos, usos e finalidades.

Disso deriva uma implicação pedagógica fundamental: para reduzir as diferenças sociais, a escola precisa assegurar a todos os alunos a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos diversificados.

Democratizar o acesso ao mundo letrado não significa encher a sala de aula de recortes de jornal, rótulos, embalagens, cartazes publicitários e colocar livros numa estante, mas sim, criar um ambiente em que o aprendiz passa a vivenciar, no cotidiano escolar, situações em que textos são lidos e escritos com determinada finalidade.

Crianças que desde cedo escutam histórias através da leitura do professor ou de outras pessoas alfabetizadas, aprendem por elas próprias, sobre a natureza e sobre a sociedade, Vivenciando essa situação quando chegam ao Ensino Fundamental, salvo algumas exceções, já conseguem interagir com autonomia. Segundo Teberosky (1995), elas adquirem um conhecimento sobre a linguagem que se escreve e sobre o uso dos diferentes gêneros textuais, antes mesmo de estarem alfabetizados. É esse conhecimento que a escola precisa promover e que muitos ainda não são priorizados no sistema de escrita alfabética.

Na escola aprendem a produzir textos orais mais formais e se deparam com outros que não são comuns no dia a dia de seus grupos familiares ou de sua comunidade. Portanto, elas ampliam suas capacidades de compreensão e produção de textos orais, o que favorece a convivência delas com uma variedade maior de contextos de interação e a sua reflexão sobre as diferenças entre essas situações e entre os textos produzidos.

Da mesma forma, acontece com a escrita. As crianças observam palavras escritas em diferentes contextos como: placas, *outdoors*, rótulos de embalagens, escutam histórias lidas por outras pessoas etc. Nessas experiências culturais com práticas de leitura e escrita muitas

vezes mediadas pela oralidade, as crianças vão se construindo como sujeito letrado.

Morais e Albuquerque (2004) afirmam que para "alfabetizar letrando" é necessário democratizar a vivência prática de uso da leitura e da escrita e ajudar o aluno a ativamente reconstruir essa invenção social que é a escrita alfabética.

4.3 Possibilidades de ação de acordo com a realidade escolar

Para que a escola consiga obter bons resultados cumprindo com seu papel de transformar as crianças e adolescentes de hoje em futuros cidadãos letrados, ela precisa mudar os conceitos que estão dando certo e experimentar novas embalagens, visando ao desenvolvimento intelectual, social e emocional de seus educandos.

A escola precisa hoje ter objetivos claros

Hoje em dia não é difícil ouvirmos os relatos de alunos que dizem: “eu só estudo porque meus pais min obrigam se não estudaria”, “estudar não nos leva a lugar nem um, o que precisamos é trabalhar, isso sim, pode nos dar as coisas que necessitamos”. Ouvindo essas declarações percebemos que a escola tem se esquecido de transmitir para seus alunos o seu principal objetivo. Vasconcellos (2000, p. 58) diz:

Este objetivo se encontra na tríplice articulação entre compreender o mundo em que vivemos, usufruir do patrimônio acumulado pela humanidade e, sobretudo, transformar este mundo, qual seja colocar este conhecimento a serviço da construção de um mundo melhor, mais justo e solidário.

Analisando as palavras de Vasconcellos, percebe-se que a escola precisa esclarecer os seus objetivos para que todos entendam o porquê de sua importância e de fazer parte dela.

A postura dos educadores

Um dos problemas sérios da educação nos dias atuais é que muitos dos profissionais que trabalham na área da educação não sabem da sua importância enquanto agente transformador. Muitos se esquecem que são os professores que formam o médico, o advogado, o engenheiro e tantas outras profissões tão mais valorizadas que estão construindo a sociedade que temos e que teremos. Para que o professor possa ter um bom resultado dentro da sala de aula, ele precisa transmitir a segurança que os alunos necessitam, e mostrar seu

interesse pela leitura, levando para a sala de aula diferentes gêneros textuais. Também é preciso definir uma proposta de trabalho tendo como ponto de partida a realidade dos alunos, mas alguns professores consideram difícil, pois estão acostumados a trabalhar de forma tradicional, onde basta pegar um livro, ler o conteúdo da página e transmitir o que o autor fala, sem que haja uma discussão sobre os temas propostos. Atitudes como estas têm feito com que os alunos se cansem das aulas dadas e passem a se desestimular e não compreender a realidade.

O professor precisa pesquisar, observar melhor o comportamento de seus alunos e descobrir conteúdos significativos que tenham relação com a vida cotidiana deles. A metodologia deve ser participativa e ativa, levando os alunos a dar opinião, a levantar-se de suas carteiras, ou seja, a movimentar-se e participar das aulas. Sabe-se que é ilusão pensar que uma criança saudável pode ficar tanto tempo sentada, ouvindo o que o professor fala sem sequer dar opinião.

No mundo de hoje, existem atrativos tão interessantes na televisão e nos *games*; é necessário que o professor entre nesse mundo da criança e do adolescente e crie aulas a partir do que eles veem, utilize os personagens de que eles gostam como exemplos para suas aulas. Se não podemos impedir que as crianças assistam a tudo que passa na TV, então devemos utilizar a programação a nosso favor, em benefício de uma educação que vise criar cidadãos críticos, inteligentes e participativos. O professor deve utilizar os variados tipos de metodologia visando à aprendizagem e ao bem-estar dos alunos e do próprio professor, pois só é possível transformar a realidade a partir do momento em que se assume que ela existe.

□ A importância dos encontros pedagógicos

Os encontros pedagógicos são de grande importância para o desenvolvimento da escola, sendo necessário uma ação racional, estruturada e coordenada de proposição de estratégias objetivas de ação, provimento e ordenação de recursos disponíveis, cronograma e formas de avaliação. É necessário, também, que todos os projetos e ações sejam discutidos e analisados publicamente pela equipe escolar, tornando-se um instrumento unificador das atividades, ou seja, serão todos unidos por um objetivo ou objetivos. Vasconcellos (2000) defende que tenhamos, no mínimo, 2 horas semanais durante as quais os professores de cada série, junto com a coordenação, supervisão, orientação, psicopedagogo e direção, possam estar trabalhando, visando superar as necessidades da prática pedagógica.

- Um ambiente prazeroso e agradável

Uma das coisas que podem favorecer o estímulo à leitura e escrita e desenvolver muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, é o ambiente escolar. A escola terá de se mobilizar internamente. Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura, que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis. Segundo o PCN de língua portuguesa (2001, p. 96), algumas condições favoráveis para a prática de leitura são:

- Dispor de uma boa biblioteca na escola.
- Organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia.
- Planejar as atividades diárias garantindo que as leituras tenham a mesma importância que o demais.
- Possibilitar o empréstimo de livros etc.

Além das condições descritas, são necessárias propostas didáticas orientadas especificamente no sentido de formar leitores. O PCN de língua portuguesa (2001, p. 98) apresenta algumas sugestões para o trabalho com os alunos, que podem servir de referência para a geração de outras propostas:

- Leitura diária.
- Leitura colaborativa.
- Projetos de leitura.
- Atividades sequenciadas de leitura.
- Atividades permanentes de leitura.
- Leitura feita pelo professor.
- A afetividade

Como é bom ouvir a frase “você é importante para mim” ou receber um abraço apertado de quem nos quer bem. Pois é, a afetividade é algo essencial para que haja harmonia em sala de aula. As pessoas têm dificuldade de expressar o que sentem e acabam se isolando do resto do mundo. Devemos incentivar os alunos a serem carinhosos uns com os outros e o professor a ser muito carinhoso com todos da sala. J. Hillal (*apud* VASCONCELLOS, 2000, p. 89) afirma que “[...] a qualidade de professor que mais se evidenciou foi a simpatia pelos alunos, ou seja, a sua disponibilidade afetiva positiva. O interesse do professor pelos alunos e pelo seu trabalho é o que se apresenta como mais importante”.

Se o professor estiver disposto a trabalhar a afetividade dentro da sala de aula, conquistará os alunos e evitará as situações conflituosas que tanto interferem nos trabalhos realizados dentro da sala de aula, ou seja, professor e aluno ganham com essa metodologia.

A importância do psicopedagogo na escola

É muito importante que a escola possua um psicopedagogo para auxiliar professores, pais e alunos nos momentos em que o desespero tomar conta das situações que prejudicam a aprendizagem escolar. Com seu trabalho ele pode:

- auxiliar os professores na elaboração de planos que facilitem a aprendizagem dos alunos;
- ajudar na elaboração do Projeto Pedagógico;
- realizar um diagnóstico institucional para averiguar possíveis problemas pedagógicos que possam estar prejudicando o processo ensino-aprendizagem;
- conversar com os pais para fornecer orientações;
- conversar com a criança ou adolescente quando precisarem de orientação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos obstáculos que a educação tem enfrentado nos últimos tempos, inclusive a problemática da trajetória da alfabetização, seus impasses e inovações metodológicas, as mudanças ocorridas na sociedade, que interferem no modo como as famílias se apresentam e atingem diretamente o desenvolvimento dos trabalhos escolares, percebe-se que é necessário reavaliar e reelaborar a formação do educador baseado nas exigências educacionais atuais. Hoje, numa sociedade como a nossa sabe-se que ler é muito mais do que simplesmente aprender o valor sonoro das letras, juntar sílabas, palavras e frases.

Aprender a ler e escrever envolve muitas habilidades que serão aprendidas ao longo de toda a vida. Portanto, para que o educando avance em sua aprendizagem, é muito importante que o educador utilize metodologia mais adequada à realidade de seus alunos e principalmente de sua turma, planeje situações significativas de leitura e escrita, partindo do conhecimento prévio do aluno utilizando o entretenimento, a formação, as propagandas etc.

Ler e escrever com eficiência exige certa especialização no conhecimento da língua que consiste num sistema regrado, construído e compartilhado por seus usuários. Conhecer esse sistema só fará crescer a competência dos educandos em situações de uso, ou seja, linguagem. Para isso, é necessário que os textos sejam abordados de forma contextualizada.

Na Escola Municipal Padre Pires Ferreira, nosso campo de investigação, percebeu-se que predomina a visão ingênua e tradicional de alfabetização, tanto por parte do educador como por parte dos educandos, reduzindo a alfabetização ao ato mecânico de depositar palavras, sílabas e letras no educando.

Outro fator que tem prejudicado o desenvolvimento do trabalho na escola, principalmente na turma onde realizamos nosso trabalho, foi a desmotivação dos professores diante dos problemas que surgem e que eles não sabem como resolver, principalmente os relacionados ao comportamento dos alunos. Eles trabalham, mas não acreditam que a educação pode vir a melhorar; só percebem ela decaindo cada vez mais.

Quanto aos alunos, com tantos problemas que enfrentam junto à família, o que eles esperam da escola é aprender de uma forma mais dinâmica, em que possam não só aprender, mas esquecer um pouco das dificuldades por que passam no dia a dia.

Aliando a experiência aos estudos feitos sobre o tema, percebe-se que para alcançar as exigências educativas das sociedades contemporâneas não é algo fácil de ser realizado, pois há razões históricas, sociais, culturais e até pedagógicas que favorecem a concepção tradicional de alfabetização. Entende-se que o educador é o principal agente de mudança e, mesmo perante tantos desafios que aparecem no decorrer da realização deste e de outros projetos, ele deve ser ousado e buscar sempre trabalhar coletivo; além de ser necessário refletir constantemente sobre sua prática, buscando inová-la sempre que preciso e direcioná-la rumo a uma educação para a cidadania, reconhecendo que seu objetivo é educar para a vida em sociedade.

Enquanto pesquisadora da área de psicopedagogia se faz de tudo para analisar o uso dos diferentes gêneros textuais na escola, mais precisamente dentro da sala de aula e na família, analisando se esse uso ou ausência deles tem interferido no processo de leitura e escrita dos educandos.

Apesar do tempo curto, conseguiu-se realizar a pesquisa com sucesso. Tentou-se mostrar para os educadores, em especial a educadora com a qual realizamos a pesquisa, a importância de se fazer uma investigação sobre a vida pessoal e escolar de seus educandos tornando-se amiga deles e, aos poucos, conquistando sua confiança. Hoje, o trabalho psicopedagógico nas escolas dá suporte aos trabalhos realizados por toda a equipe escolar.

Ao final deste trabalho espera-se ter contribuído para o entendimento de alfabetizar letrando; apesar de ser um desafio permanente, se for feita uma reflexão sobre as práticas e concepções, poder-se-á ver o quão importante é partir da realidade e utilizar textos que circulam na sociedade para aprendizagem de nosso educandos.

Percebe-se o quanto é importante que a escola se encontre enquanto formadora de alunos críticos, participativos, responsáveis, que busque fazer com que eles tenham conhecimento sólido e compreendam a realidade em que vivem, sendo capazes de transformá-la. E que os educadores percebam que para transformar a realidade é preciso que haja ousadia em seus atos, superando a visão tradicional de educação que eles possuem.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Org.). **Alfabetização de Jovens e Adultos em uma Perspectiva de Letramento**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

AQUINO, J. G. (Org.). **A desordem na relação professor-aluno**: indisciplina, moralidade e conhecimento. Indisciplina na escola. São Paulo: Summus, 1996.

AZEVEDO, Maria Amélia. **Organização da Infância e Violência Doméstica**: fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1997.

AZEVEDO, Maria Amélia; GERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Com licença vamos à luta**. São Paulo: Editora Iglu, 1998.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1992.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1998. Disponível em:

<www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 24 ago. 2015.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília: MEC, 2001.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARLOS, Erenildo João. O Texto em Questão: re-significação conceitual e implicações pedagógicas. **Conceitos**, n. 8, p. 61-73, João Pessoa: Editora Universitária, 2005.

FERREIRO, Emília. **Reflexão sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FLAMENGLI, Geraldo A. Rituais familiares: alternativas para a re-união das famílias. In: _____. **Psicologia: teoria e prática**. São Paulo: Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, jan./jun. 1999. v. 11.

FRANCO, M. A. R. S. Dinâmica compreensiva: integrando identidade e formação docente. ENDIPE, X, 2000, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Pedagogia como ciência da educação**. Campinas: Papius, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 1980.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, A. M. Indisciplina e violência: ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 73-82.

KIGUEL, Sônia Maria Moojen. Normalidade x patologia no processo de aprendizagem: Abordagem Psicopedagógica. **Psicopedagogia. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, v. 10, 1. sem. 1991.

LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MORAIS, Antônio Manuel Pamplona. **Distúrbios da Aprendizagem: Uma Abordagem Psicopedagógica**. São Paulo: Ed. Edicom, 1997.

MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C. Alfabetização e letramento: o que são? Como se relacionam? Como alfabetizar letrando? In: LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. **Alfabetizando jovens e adultos letrados: outro olhar sobre a educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORAIS, A. G.; LEITE, T. S. Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos? In: MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T.

Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005. p. 71-88.

MORENO, M. C.; CUBERO, R. Redação Social nos anos da pré-escola: família, escola, colegas. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimentos Psicológicos e Educação** - Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 190-202. v. 1.

SOARES, Magda. **Alfabetização a ressignificação do conceito.** Alfabetização e cidadania. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Linguagem e Educação).

TEBEROSKY, A. **Aprender a Escrever.** São Paulo: Ática, 1995.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina:** construção da disciplina consciente e interativa em sala e na escola. 11. ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 4).

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia.** Lisboa: Estampa, 1977.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.

ZACCUR, E. G. S. **Ser alguém na vida** - sujeitos pouco escolarizados e o direito de ser - exame de projeto. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMG, 2010.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprendendo a Escrever:** a apropriação do sistema ortográfico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

APÊNDICE A - Projeto de Pesquisa

| | |
|--|--|
| UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA PARFOR - DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA TURMA 2012.2 POLO JOÃO PESSOA PROJETO DE PESQUISA | |
| Especialistas: Jarleide de Barros Gomes | |
| Curso :Pedagogia | |
| TEMA: | Leitura e Escrita |
| TÍTULO | Dificuldades na leitura e escrita: um desafio às práticas educacionais contemporâneas |
| PROBLEMA | <p>Porque os alunos do Ensino Fundamental, 1º fase, sentem dificuldade de ler e escrever?</p> <p>Quais as causas que levam os alunos a sentirem dificuldades na leitura e escrita?</p> <p>Quais as razões e as finalidades para ensinar leitura e escrita na escola?</p> |
| JUSTIFICATIVA | <p>Considerando que a leitura e a escrita vêm assumindo proporções inaceitáveis na escola, o tema surgiu como objeto de estudo devido à inquietação crescente entre os educadores, pais e até mesmo entre os próprios alunos, além do rumo que a educação tem tomado nas últimas décadas ocasionadas por este e outros problemas, o que tem causado grande dúvida quanto ao que fazer para amenizar o analfabetismo.</p> |

| | |
|-----------------------------|---|
| | |
| OBJETIVO GERAL | Analisar as dificuldades de leitura e escrita como fenômeno pedagógico intervindo com propostas visando chegar ao nível de leitura e escrita almejado pela escola. |
| OBJETIVOS ESPECÍFICOS | <p>Identificar as causas e consequências que ocasionam as dificuldades de leitura e escrita.</p> <p>Verificar as possibilidades de intervenção pedagógica:</p> <p>Proporcionar aos alunos meios que facilitem a leitura e a escrita.</p> |
| HIPÓTESES | Partindo do contexto familiar, social e educacional em que os alunos se encontram, percebe-se que as dificuldades de leitura e escrita apresentadas pelos mesmos partem da falta de incentivo por parte dos pais (que por falta de tempo ou instrução para amparar os filhos, não o fazem) e dos professores (por não terem o hábito de leitura ou desconhecerem novas propostas pedagógicas para incentivar seus alunos a este hábito), que da aprendizagem dos educandos. |
| DELIMITAÇÃO | O campo de pesquisa deste projeto é o 3º ano do Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Pires Ferreira. |
| PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, através da qual se identifica e analisa por meio da entrevista, questionários e observações no campo empírico as dificuldades de leitura e escrita, buscando subsídios em alguns teóricos que tratam da questão, partindo de uma reflexão sobre as mudanças ocorridas na sociedade, a fim de identificar as causas que ocasionam tais dificuldades na visão tradicional e contemporânea, procurando aprofundar e ampliar nossos conhecimentos sobre o atual contexto de leitura e escrita almejada pela escola. |

APÊNDICE B: Questionários

QUESTIONÁRIO – EDUCADOR

- 1.0 Qual a maior dificuldade encontrada para desenvolver o seu trabalho?
- 2.0 Qual a maior dificuldade do alunado na leitura e escrita?
- 3.0 Qual o método utilizado?
- 4.0 Qual sua relação com a leitura?
- 5.0 Qual sua relação com os alunos?

QUESTIONÁRIO - EDUCANDOS

- 1.0 - Você sabe ler? Já leu algum livro?
- 2.0 - Como sua professora trabalha com você a atividade de leitura?
- 3.0 - Você gosta mais de ler ou de escrever?
- 4.0 - Como você gostaria que a sua professora trabalhasse a leitura e a escrita na sala de aula?

QUESTIONÁRIO - PAIS

- 1.0 - Você conhece bem o seu filho? E as dificuldades que ele possui?
- 2.0 - Você costuma dialogar com seu filho sobre como foi seu dia na escola?
- 3.0 - Você ajuda seu (a) filho (a) com as tarefas escolares?
- 4.0 - Você tem disponibilidade para acompanhar o desenvolvimento de seu filho na escola?

ANEXO A - Música: Planeta Água**Guilherme Arantes**

Água que nasce da fonte, serena do mundo e que abre o profundo grotão.

Água que faz inocente riacho, e deságua na corrente do ribeirão.

Águas escuras dos rios, que levam a fertilidade ao sertão.

Águas que caem das pedras, no véu da cascata, ronco de trovão.

E depois dormem tranquilas no leito dos lagos. (2 vezes)

Água dos igarapés, onde Iara, Mãe d'água, é misteriosa canção.

Água que o sol evapora, pro céu vai embora, virar nuvem de algodão.

Gotas de água da chuva, alegre arco-íris, sobre a plantação.

Gotas de água de chuva são tristes, São lágrimas, na inundação.

Águas que movem moinhos são as mesmas águas que encharcam o chão pro profundo da terra. (2 vezes)

Terra, Planeta Água.